
A mulher e o corpo canibal no Novo Extremismo Francês em *Desejo e Obsessão*, de Claire Denis

Victória Câmara Gusmão Cardoso¹
Tiago Carvalho Calmon de Almeida²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO | A proposta tem como objetivo discutir a ressurgência da figura da mulher canibal no Novo Extremismo Francês, e como o filme *Desejo e Obsessão*, da diretora Claire Denis, representa o arquétipo e sua corporeidade, a partir do conceito do Feminino Monstruoso proposto por Barbara Creed e também de explorações que o longa possui no cinema háptico.

PALAVRAS-CHAVE | Feminino-monstruoso, mulher canibal, cinema háptico, Novo Extremismo Francês.

PROPOSTA

O “Novo Extremismo Francês” é o termo usado pelo crítico James Quandt (2004) ao se referir a uma série de filmes franceses entre o final do século XX e início do XXI que transgrediam o realismo por meio de uma violência vista como excessiva. Isso comportaria filmes de diversos cineastas, incluindo Claire Denis.

Raquel Keller (2020), analisando filmes do Novo Extremismo Francês dirigidos por mulheres, identifica uma presença recorrente da figura da mulher canibal, destacando *Em Minha Pele* (Marina de Van, 2002), *Grave* (Julia Ducournau, 2016) e *Desejo e Obsessão* (Claire Denis, 2001). Keller relaciona o canibalismo feminino nessas obras ao mito da *vagina dentata*, conforme Barbara Creed (1993), observando que há sempre a relação sexo-violência em situações extremas de corpo (Keller, 2020, p.145). Assim, observamos como corpo e sexualidade exercem um papel central para o desenvolvimento de uma atmosfera de horror e inquietação.

O conceito do feminino monstruoso (Creed, 1993) fornece uma ótica singular ao analisar *Desejo e Obsessão*, principalmente como ele explora o desejo feminino, sexualidade e violência citados por Keller. O conceito surgiu a partir da representação

¹ Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco; victoria.cardoso@ufpe.br

² Mestrando em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco; tiago.calmon@ufpe.br



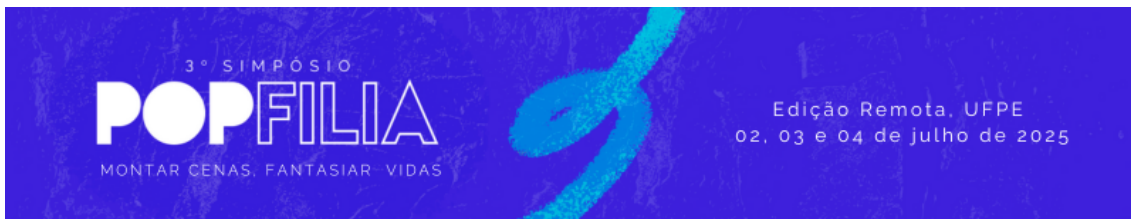
binária de mulheres no cinema, em especial no horror: vítimas sem agência ou vilãs monstruosas. Creed aponta como boa parte das características vistas como “monstruosas” (como a ligação ao corpo reprodutivo) são as mesmas ligadas ao ser feminino. Assim, a mera condição de mulher as transforma em monstros.

Anos depois, Creed (2024) nota como a figura da mulher-monstro passou a ser reimaginada, sobretudo por cineastas mulheres: sua monstruosidade não apenas vista negativamente, mas também como uma retomada de poder (Creed, 2024, p.21). Similarmente, em 2022, Creed delinea a figura da “Mulher Canibal” e tal como Keller (2020), comenta sua recorrência, destacando-a como um arquétipo de mulher-monstro além dos que já havia listado.

Creed observa que a mulher canibal era vista no cinema como uma figura quase humorística, vista em obras de horror-comédia. No entanto, a “nova” canibal presente no Novo Extremismo Francês é um monstro diferente: “humano, horripilante e abjeto” (Creed, 2022). *Desejo e Obsessão* se encaixa na nova visão de Creed, mais próxima ao horror háptico de Linda Williams (1991), considerando como o corpo, a carne e seus fluidos são representados no longa de Denis.

Em *Desejo e Obsessão*, as cenas sexuais são preenchidas por estranhamento, uma ambiguidade entre erotismo e violência, colocando o corpo em estado de alerta. “O que é um beijo?”, para Jean-Luc Nancy (2001), essa é a pergunta levantada por Denis na obra. “O beijo”, diz Nancy, é um “ícone de fúria” que “dá lugar à mordida e ao gosto de sangue”. De fato, essa é a associação feita por Denis na apresentação de Coré, a canibal representada no filme, e Shane, portador da mesma doença que causa os desejos violentos de Coré. Enquanto ela seduz um caminhoneiro para devorá-lo, pintando a vegetação de vermelho, Shane beija sua esposa e precisa se trancar no banheiro do avião em que estão para conter seus instintos – ele se encolhe no chão apertado do banheiro e um *insert* revela seus desejos: a câmera, operada na mão, denotando presença de um observador, passeia pelo corpo ensanguentado de sua esposa, mostrando, em detalhes, poças de sangue e o tecido encharcado que, colado ao corpo da mulher, revela uma topografia saturada por completo de vermelho.

Creed (2022) ressalta similaridades entre Coré e Shane ao longo do filme: portadores da mesma doença que os tornam vítimas de seus próprios desejos



carnais/canibais, a vontade transformada em ponto de repulsa alheia. A relação dos dois é caracterizada pela proximidade vs. abjeção – o desejo constante e descontrolado que resulta em violência. Shane, no entanto, ainda retém mais agência do que Coré – ele viaja através do oceano, enquanto Coré passa a maior parte de quase todo seu tempo aprisionada em casa. Ela age de forma quase animalesca durante a maior parte da obra, emitindo grunhidos ao atacar sua presa e ignorando seu estado após suas “caçadas”. Coré se diverte na violência que comete pós-coito, um ato compulsório, mas não menos prazeroso. Com sua camisola branca banhada de vermelho, dominada pela violência abjeta, ela é retrato de uma quebra na feminilidade vista como “apropriada” pela sociedade.

“Ela representa o oposto da mulher civilizada e adequada, destruindo os fundamentos da ordem simbólica, substituindo a unidade corporal pela desunião, a ordem pela desordem, o todo pelos fragmentos e a repressão pela sua ruína.” (Creed, 2022, p.133, tradução nossa)

Perto do fim do filme, Shane encontra e invade a casa de Coré pouco depois dela incendiar o próprio quarto. Ele encontra a mulher completamente ensanguentada, e, em meio a abraços intensos, tenta explicar para ela que também está doente. Coré ignora Shane da mesma forma que seu marido lhe ignora para então atacá-lo, e Shane responde a estrangulando até a morte. No fim, ela consegue o que tanto queria: “Coré morre satisfeita com carne e sexo e consumida por chamas” (Creed, 2022, p. 135).

O horror e a pornografia, como argumentam Carol Clover (1987) e Linda Williams (1991), são gêneros que, para atingir sensorialmente os espectadores, trabalham com o excesso e o corpo em suas expressões mais intensas (o pavor e o desejo). Dessa forma, ao direcionar nossa atenção para os chamados “gêneros do corpo” (Clover, 1987) encontramos filmes que estabelecem uma forte conexão com os corpos dos próprios espectadores, seja através da excitação física ou dos calafrios e gritos aterrorizados. Williams observa uma “estrutura de perversão” (Williams, 1991, p. 6) presente nesses gêneros ao tratar das figuras femininas, em que a pornografia, por ser direcionada majoritariamente ao olhar masculino, apresentaria componentes sádicos e o horror – principalmente o slasher – comportaria elementos sadomasoquistas, pelas



personagens passivas e indefesas que sofrem durante todo o filme, mas, no fim, enfrentam o monstro com objetos fálcos (facas, machados ou motosserras).

Assim, observamos como *Desejo e Obsessão* dialoga com a tendência de subversão e releitura do corpo feminino nos filmes de horror apontada por Creed (2024), em que a figura feminina recua da binaridade vítima/monstro para tomar posse de seu corpo e suas expressões de desejo e sexualidade. Ao analisar as cenas descritas ao longo deste trabalho e a maneira como a figura do feminino monstruoso – e seu arquétipo canibal – é retratada ao longo do filme, nota-se como Claire Denis utiliza as capacidades hápticas do cinema, imagética e sonoramente, para explorar os corpos em tela de forma sensorial, uma característica emblemática de sua filmografia. No entanto, diferente de obras anteriores, como *U.S. Go Home* (1994) e *Bom Trabalho* (1999), aqui a sexualidade que palpita na tela encontra o horror e o estranhamento desses corpos que encaram e levam seus desejos até as últimas consequências.

REFERÊNCIAS

- CLOVER, Carol J. **Her body, himself**: Gender in the Slasher Film. 1987.
- CREED, Barbara. **Return of the Monstrous-feminine**: Feminist New Wave Cinema. Primeira edição. Nova Iorque: Routledge, 2022.
- CREED, Barbara. **The Monstrous-feminine**: Film, Feminism, Psychoanalysis. Primeira edição. Nova Iorque: Routledge, 1993.
- CREED, Barbara. **The Monstrous-feminine**: Film, Feminism, Psychoanalysis. Segunda edição. Nova Iorque: Routledge, 2024.
- KELLER, Raquel Maysa. **O canibal feminino nos filmes da new french extremity**. In: Leituras Culturais: questões de gênero, violências e sexualidade (org. GOMES, Carlos Magno; CARDOSO, Ana Leal). Aracaju: Criação Editora, 2020. p. 142-152.
- NANCY, Jean-Luc. Icône de l'archarnement. **Trafic**, n. 39, p. 58-64, 2001.
- QUANDT, James. **Flesh & Blood: Sex and Violence in Recent French Cinema**. **Artforum**, fev. 2004. Disponível em:



<https://www.artforum.com/features/flesh-blood-sex-and-violence-in-recent-french-cinema-168041/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

WILLIAMS, Linda. Film bodies: Gender, genre, and excess. **Film Quarterly**, v. 44, n. 4, p. 2-13, 1991.